

TRÍADE FUNDACIONAL DA POÉTICA MOÇAMBICANA

FOUNDATIONAL TRIAD OF MOZAMBICAN POETICS

Vanessa Pincerato Fernandes¹

Marinei Almeida²

RESUMO

A poética moçambicana reflete a complexidade das influências literárias no país, com poetas como José Craveirinha, Virgílio de Lemos e Rui Knopfli assumindo papéis centrais. Enquanto alguns autores mimetizavam padrões europeus, esses três poetas conectaram-se à terra moçambicana, consolidando uma literatura moderna e nacionalista. Essa poética surge nas páginas impressas de periódicos como o suplemento literário *O Brado Africano* (1918-1974). Este foi crucial para a manifestação de ideias nacionalistas e a resistência cultural, culminando no fortalecimento dos ideais de independência. A partir disso, discute-se nesse trabalho como a poética de José Craveirinha, Virgílio de Lemos e Rui Knopfli formam o pilar de uma poética moçambicana. As produções desses poetas consolidaram uma “poética da voz real de Moçambique” (Ferreira, 1977), um estudo que parte do periódico *O Africano* (1908) e vai até a publicação de *Charrua* (1980). Por essas folhas literárias, observa-se que essa tríade não apenas construiu a identidade literária nacional como também contribuiu para elevar a “moçambicanidade” como essência da poesia contemporânea.

Palavras-chave: Poética fundacional, José Craveirinha, Virgílio de Lemos, Rui Knopfli.

ABSTRACT

The Mozambican poetics reflect the complexity of literary influences in the country, with poets such as José Craveirinha, Virgílio de Lemos, and Rui Knopfli playing central roles. While some authors imitated European standards, these three poets connected deeply with Mozambican roots, consolidating a modern and nationalist literature. This poetics emerged in the printed pages of periodicals like the literary supplement *O Brado Africano* (1918–1974), which was crucial for the expression of nationalist ideas and cultural resistance, ultimately strengthening the ideals of independence. In this study, we discuss how the poetics of José Craveirinha, Virgílio de Lemos, and Rui Knopfli form the foundation of Mozambican poetics. Their works established a "poetics of Mozambique's true voice" (Ferreira, 1977), spanning from the periodical *O Africano* (1908) to the publication of *Charrua* (1980). Through these literary pages, it becomes

¹ Professora Doutora, IFMT – Pontes e Lacerda, Campus Fronteira Oeste. E-mail: vanessa.pincerato@ifmt.edu.br.

² Professora Doutora, UNEMAT. E-mail: marinei.almeida@unemat.br.

evident that this triad not only built the national literary identity but also contributed to elevating "Mozambicanity" as the essence of contemporary poetry.

Keywords: Foundational poetics, José Craveirinha, Virgílio de Lemos, Rui Knopfli.

Introdução

Imbuídos do desejo de valorização da terra moçambicana, alguns poetas e jornalistas buscavam um arcabouço escritural mimetizado ao dos colonizadores, acabando por celebrar padrões civilizatórios europeus (Secco, 1999) enquanto, as obras de José Craveirinha e de Knopfli desempenham o papel de ligação com uma tradição fundadora da modernidade na literatura moçambicana (Leite, 2020). Essas perspectivas divergentes destacam a complexidade e as diferentes influências presentes na produção literária moçambicana. Discorreremos brevemente nesse tópico sobre a vida e obra de cada um dos três poetas (José Craveirinha, Virgílio de Lemos e Rui Knopfli), pois nosso intuito é mostrar a colaboração destes nos periódicos dos anos 1940 a 1980 e o porquê eles são considerados poetas fundacionais na próxima seção, aprofundaremos nossas discussões acerca de suas obras. Nesse sentido, indagamos: como estes poetas se colocam nas tendências e temáticas como vozes fundadoras da poesia e o que os tornam figuras incontornáveis para a caracterização de uma poética fundacional moçambicana?

Para responder a essa pergunta, partimos do pressuposto que os referidos poetas estão na raiz da formação literária e assentimos que a poesia contemporânea não se afasta sobremaneira dessas raízes.

Tríade Fundacional

Em um cenário no qual poetas demonstram preocupação com a renovação da linguagem, a “moçambicanidade” é uma forma de resistência, porque “antes da efetiva ação colonizadora empreendida por Portugal na costa oriental da África, a literatura aí existente se constituía, sobretudo, enquanto voz” (Secco, 1999, p. 13).

Voltemos um pouco na história com a publicação do suplemento literário *O Brado Africano* (1918-1974), no qual escritores locais tiveram espaço para publicações e “onde começam as manifestações nacionalistas, suporte da resistência cultural e dos ideais de independência política que se expandiram progressivamente até a luta de libertação nacional” (Santilli, 1985, p. 28).

Nesse contexto, José Craveirinha apresenta-nos uma poética que “[...] retransforma, exemplarmente, o conhecimento da língua e da literatura portuguesa, caldeando-se nas raízes da literatura oral moçambicana” (Leite, 2006, p. 141). Autodidata, Craveirinha abraça o jornalismo como profissão, tendo seu início em *O Brado Africano*. Posteriormente, também colaborou em outros jornais dirigidos por negros e mestiços, como *Notícias e Tribuna*, ao mesmo tempo em que mantinha colaboração em forma de crônica e ensaio nos jornais *Notícias da Tarde*, *Voz de Moçambique*, *Notícias da Beira*, *Diário de Moçambique* e *Voz Africana* (Ngomane, 2002). Além do trabalho nos jornais, o poeta se empenhou ao longo de sua vida nas atividades políticas, nacionalistas que se estenderam até a independência de Moçambique, em 1975, sendo Craveirinha integrante da FRELIMO. Dadas suas atividades ligadas a movimentos políticos, esteve preso de 1965-1969 pela PIDE/DGS (A Polícia Internacional e de Defesa do Estado/Polícia Colonial Portuguesa), na Cadeia Central³.

Diante de toda sua vivência e situações que moldaram o poeta para além do jornalismo, José Craveirinha, considerado figura tutelar da poesia moçambicana, é eleito primeiro Presidente da Assembleia Geral da Associação dos Escritores Moçambicanos, cargo que ocupou até 1987 e “em 1979, é escolhido para Membro Permanente do Júri do Prémio Lotus pela VI Conferência dos Escritores Afro-Asiáticos, realizada em Luanda, Angola” (Ngomane, 2002, p. 17).

Há registros de Craveirinha em praticamente todas as antologias poéticas africanas de língua portuguesa ou de poetas moçambicanos⁴, além de ter publicado obras na Itália e em Portugal. Entre suas publicações, tem-se obras de poesia e contos e deixou muitos escritos (sobretudo poemas) inéditos. Abaixo citamos algumas de suas principais publicações:

- *Chigubo*. Lisboa: Casa dos Estudantes do Império, 1964 (com treze poemas); a 2ª Edição foi rebatizada Xigubo, com vinte e um poemas (Maputo: INLD, 1980).

³ Dados retirados de pesquisa realizada na obra de Ilídio Rocha 2000.

⁴ Dentre as quais podemos citar: “Antologia da nova poesia moçambicana” AEMO, 1989; “Antologias de Poesia da Casa dos Estudantes do Império (1951-1963)”, Volume II Moçambique, UCCLA: S/L, 2014; “Antologia poética”, de 2010, que reúne a obra lírica de José Craveirinha, tem organização da poeta luso-moçambicana Ana Mafalda Leite e é uma publicação da Editora UFMG.

- *Karingana ua Karingana*. Lourenço Marques: Académica, 1974. 2ª Edição, Maputo: INLD, 1982. 3a Edição, Maputo: AEMO, 1996.
- *Cela I*. Maputo: INLD, 1980.
- *Maria*. Lisboa: ALAC (África, Literatura, Arte e Cultura), 1988.
- *Babalaze das hienas*. Maputo: AEMO, 1996.
- *Maria*. Vol.2. Maputo: Ndjira, 1998 (Vol. 2).
- *Poemas de prisão*. Maputo: Ed. Ndjira, 2003.
- *Poemas eróticos*. Maputo; Lisboa: Moçambique Ed.; Texto Editores, 2004. (Póstumo)
- *Moçambique*. Editora/Texto Editores, 2004 (póstumo).

Dentre os prêmios recebidos por suas obras literárias e colaboração na imprensa, em 1991 seu reconhecimento alcançou o Prémio Camões, sendo este o mais destacado no universo cultural dos estudos literários de língua portuguesa. Craveirinha permaneceu vivendo em sua terra, Moçambique, até a data de 6 de fevereiro de 2003, quando morreu vítima de trombose, na cidade de Joanesburgo, África do Sul.

José Craveirinha é o poeta mais importante e conhecido na literatura de Moçambique. Ele já se dizia irmão de Camões e Pessoa. Em sua escrita temos as expressões que remetem a uma vertente poético-narrativa de ruptura, permeada de “nós” e “eles”, de “irmãos” e “outros”, de “negro” e “branco”, de “grito” e “silêncio”, trazendo em seus versos uma grande contribuição para questões de cunho nacional. Sobre as obras do poeta, Fonseca e Moreira (2007, p. 53) afirmam que:

Em *Cela I* e *Maria*, o “eu” poético identifica-se com o “sujeito da narrativa”. Essas últimas duas obras são um corolário da itinerância do poeta num clima de epopeia de que *Xigubo* e *Karingana Ua Karingana* são um registro. O poeta transfere-se da esfera de uma experiência coletivizante “narrada” em *Xigubo*, para uma escrita que individualiza a sua própria vivência em *Cela I* e *Maria*. (grifos nossos).

Há especulações quanto ao teor da obra *Maria* (1988), alguns estudiosos discutem ser uma obra intimista, com poesia elegíaca, outros, defendem ser esta uma obra pelo viés da memória individual, conforme postula Secco (2020, p. 36):

[...] da poesia de José Craveirinha, escrita durante o tempo colonial, cumpriu uma intervenção cultural regeneradora no seu tempo histórico, mas que os poemas da segunda fase do autor, publicados no

pós-independência, nomeadamente a partir das edições de *Maria* (1988, 1998) e de *Babalaze das Hienas* (1992) desconstroem a discursividade épica da sua poesia inicial. Semelhante substituição dos valores eufóricos e plenos, marcados por uma eloquência panegírica, por um tom pessoal e confessional, mostram-nos como a escrita da segunda fase poética de José Craveirinha se começa a aproximar do registo dramático da poesia de Knopfli.

Vemos, contudo, uma poesia que perpassa o tempo cronológico, de forma que esta vai transcender o tempo, passando por todas as fases da literatura moçambicana. A obra *Maria*, que tem como título o nome da companheira de José Craveirinha, é publicado como homenagem à Maria, após a sua morte. Nesta, o poeta faz um balanço no qual avalia sua trajetória em um universo pautado por perdas. Nos poemas, Maria surge como protagonista pautada na discrição e timidez. De acordo com Leite (2020, p. 36), “por um tom pessoal e confessional, mostram-nos como a escrita da segunda fase poética de José Craveirinha se começa a aproximar do registo dramático da poesia de Knopfli”.

Com isso, Noa (2017), em seu texto *Uma literatura na malha identitária*, traz importantes considerações acerca da literatura enquanto culto da palavra e desta ter emergido e evoluído a partir do contexto colonial, “com todas as implicações e os seus correlatos sociopolíticos, culturais, linguísticos, éticos, vivenciais, etc.” (2017, p. 30). Por outro lado, Rui Knopfli, em sua “trama identitária” aproxima e harmoniza com os elementos que conflituam com José Craveirinha, portanto vemos em Knopfli, um poeta que:

[...] oscilando entre a busca e a negação dessa busca, entre diferentes imaginários, entre os atos deliberados e outros não tão deliberados, entre sentimentos de pertença e de autoexclusão, entre o local e o universal, entre o ambíguo e o indubitável, entre o indivíduo e o grupo, entre, enfim, a igualdade e a diferença, que se dilatará a malha identitária não só da literatura moçambicana, mas também dos vários sujeitos nela representados (Secco, 2017, p. 31).

Assim, Rui Knopfli “[...] vai, pois, fazer parte da plêiade de escritores responsáveis pelo estabelecimento de uma tradição fundadora da literatura moçambicana” (Noa, 1997, p. 117), de modo que o poeta abre as portas da poesia de sua terra, sobre a pluralidade e diversidade em meio a afirmação de pertença à terra.

Rui Knopfli foi poeta, jornalista e crítico literário (1932-1997), nascido em Inhambane em Moçambique, estudou em Lourenço Marques e em Joanesburgo na

África do Sul. Filho de pais portugueses contava em sua ascendência com um bisavô suíço de quem herdou o sobrenome, segundo ele mesmo, “estranho”⁵. O poeta integrou um grupo de intelectuais que se opôs ao regime colonial durante as lutas pela independência de Moçambique. Enquanto jornalista, dirigiu o diário *A Tribuna* no período 1974-1975.

O poeta Rui Knopfli fazia questão de ser reconhecido como africano, não “apenas” moçambicano. Ao lado de João Pedro Grabato Dias (nome literário do pintor António Quadros) trilhou um caminho memorável pelas palavras escritas, publicaram entre 1971 e 1972 a revista de poesia *Caliban*. Rui Knopfli editou ainda o caderno *Letras e Artes* da *Revista Tempo* (1970), no qual ficou conhecido por publicar traduções de numerosos poetas, a exemplo de T.S. Eliot, William Blake, Sylvia Plath, Kaváfis, Dylan Thomas, Ezra Pound, René Char e Octavio Paz.

Rui Knopfli publicou *O país dos outros* (1959), *Reino submarino* (1962), *Máquina de areia* (1964), *Mangas verdes com sal* (1969), *A ilha de Próspero* (1972), *O escriba acorçado* (1978), *Memória consentida – 20 anos de poesia* (1982), *O corpo de Atena* (1984), *Monhé das cobras* (1997) e *Obra poética* (2003), edição póstuma. Viveu em Moçambique até os 43 anos. No ano que o país conquista a independência (1975), insatisfeito com os rumos do processo de descolonização do país, passou a viver em Londres como conselheiro de imprensa junto à embaixada de Portugal, atividade a qual se dedicou durante 22 anos até a sua morte, em 1997. Este poeta, para Leite (2006), convoca um espaço dramático para a sua escrita, permeada pelo telurismo local e ao mesmo tempo devedora de uma herança intertextual múltipla do ocidente (2006, p. 141).

Parte de sua obra foi escrita em Moçambique, contudo, após o período de independência, em 1975, vê-se deslocado de seu tempo e espaço, devido ao seu modo diferenciado de representar os ideais políticos do período pós-colonial. Rui Knopfli é um poeta que transita entre o ser africano e o estar na África. De acordo com Leite (2020, p. 26-27):

Pessoa é uma das influências marcantes na escrita knopfliana. Em poemas como *Pessoa revisited* e *O poeta é um fingidor* é claramente evidenciada a radicação, mas o que Knopfli aproveita de Pessoa não é a fragmentação heteronímica, mas o modo pessoano de recriar o

⁵ Poesia.Net, Número 385 – Ano 15 20-9-17. Acesso em 31/05/2023 às 10h31min.

sentido da angústia, a capacidade de o sujeito objectivar o seu próprio sentimento. Mesmo nos momentos mais líricos do autor se pode dizer que existe nele uma autoconsciência do fazer poético do sentimento, que parece ser a herança pessoal mais óbvia na escrita de Knopfli.

A polémica sobre a “nacionalidade” do poeta persiste até hoje. Por ser filho de europeus, nascido num país colonizado, há afirmações de que sua poesia não pode ser considerada moçambicana. Porém, o próprio poeta considerava-se africano. Podemos observar no livro *País dos outros*, o poema “Naturalidade”:

Não sei se o que escrevo tem a raiz de algum
pensamento europeu.
É provável... Não. É certo,
mas africano sou
(Knopfli, 1959, p. 59)

Um poeta do quotidiano e dos seus desassossegos, Rui Knopfli é sem dúvida e civilmente, um escritor moçambicano.

A esfera da inspiração criadora e da revelação imagética permeia a produção poética de Knopfli, temas que serão abordados nesse estudo. Esses poemas capturam a essência do espaço moçambicano, configurando um discurso concatenado no qual as diversas nuances conferem singularidade à sua expressão poética. Assim, para Leite (2006, p. 141): “Craveirinha & Knopfli simbolizam também tal confluência; estes dois pilares sobre os quais assenta a poética moçambicana, que se revela a partir da década de 1980”.

De acordo ainda com Leite (2020, p. 26), acerca do pilar que é constituído a poesia fundacional moçambicana, acrescenta-se o nome do poeta Virgílio de Lemos:

Na mesma época, a escrita de Rui Knopfli abrindo-se para o mundo, transgride as fronteiras da sua terra e potencia, de outro modo, a pluralidade e diversidade na literatura moçambicana. Se em Craveirinha a ruptura decorre de um tom eloquentemente épico, centrado na temática social/cultural e na reivindicação da cultura oral, no caso de Knopfli, a afirmação de uma pertença à terra, convocada em constante dialogismo, estabelecido com a poesia de Eliot, Pessoa, Shakespeare, Camões, Drummond, Bandeira, emerge como uma diferente metáfora da modernidade literária em Moçambique. Esta prática intertextual com a poesia do mundo será também seguida por outro poeta da mesma linhagem, Virgílio de Lemos.

Virgílio Diogo de Lemos, conhecido por Virgílio de Lemos, poeta e jornalista moçambicano, nasceu em novembro de 1929 na Ilha de Ibo, Moçambique. O poeta Virgílio de Lemos dentre os vários heterônimos que criou, aqui destacamos três: Lee-Li Yang, pela escrita erótica; Duarte Galvão, pelo seu engajamento político e Bruno dos Reis, por uma produção de viés da crítica. Essa criação de heterônimos foi capaz de dar “vozes dissonantes” (Lemos, 2009, p. 391) à poética moçambicana. Vozes que se estabelecerão na diferença e que encontrarão na palavra da linguagem poética novos horizontes de existência.

De origem de Ibo, Virgílio nasceu cercado de oceano. Investigar sua obra poética, ortônimo, e de seus heterônimos nos possibilita compreender as demandas do poeta contra o colonialismo opressor então vigente, abraçando várias feições e diversas identidades, carregando as influências das vanguardas e rompendo com os padrões da poesia colonial.

Em torno da vida e obra desse poeta e seus heterônimos, veremos Virgílio como um poeta fundacional da poesia moçambicana, pela via da representação do Índico e da Ilha de Moçambique. Teremos, então, como corpo de análise uma poética banhada pelas águas assumindo os contornos de um processo de construção da história da nação pelo discurso da “moçambicanidade”.

Sobre o processo heteronímico em Virgílio de Lemos, Maria Nazareth Soares Fonseca, em *Literaturas africanas de língua portuguesa: percursos da memória e outros trânsitos* (2008, p. 45), afirma que:

A produção dos vários heterônimos dá mostra da luta empenhada, via literatura, contra o “império da razão”; demonstra o esforço para acompanhar inovações trazidas pelas vanguardas europeias e pelo modernismo brasileiro e romper com os paradigmas coloniais. A leitura assídua da obra de Fernando Pessoa e o fato de também ter vivido, como o poeta português, em Durban, na África do Sul, dão o mote para que o poeta, por diversas razões, assuma várias feições e diferentes identidades, como tentativa de levar a extremo as propostas das vanguardas, sobretudo o surrealismo, e o seu desejo de opor-se aos padrões racionais vigentes no contexto moçambicano de sua época.

De um modo amplo, a produção poética de Virgílio de Lemos persegue um universo interior, apresenta uma poética da subjetividade, de cunho político e social. Se a “moçambicanidade” é uma invenção da literatura, Virgílio de Lemos contribui para a formação dessa identidade, evocando as águas índicas.

Esse poeta é conhecido por ser um dos grandes impulsionadores do movimento literário moçambicano dos finais dos anos 1940 e anos 1950, lembremos aqui, que Virgílio de Lemos foi um dos fundadores e editores, juntamente com Domingos Azevedo e Reinaldo Ferreira, em 1952, da folha de poesia *Msaho*.

Em 1954 Virgílio de Lemos foi processado pelo crime de desrespeito à bandeira portuguesa pela publicação, sob o heterônimo de Duarte Galvão, do “Poema a cidade” o qual se referiu à bandeira de Moçambique como “Kapulana vermelha e verde”. Vemos abaixo um trecho do referido poema:

[...] Ah! Tantos desconhecidos mortos
os que nasceram mais tarde
não hão-de-gritar humilhados
bayete-bayete-bayete
à kapulana vermelha e verde
se substituírem no tempo
kapulanas de várias cores [...]
(Lemos, 1999, p. 38).

Logo após a absolvição, Virgílio colaborou entre 1954 e 1961 com a resistência moçambicana, escrevendo para vários periódicos como *O Brado Africano*, *A Voz de Moçambique*, *Tribuna* e *Notícias*. Entre os anos 1961 e 1962 o poeta foi preso, acusado, pela PIDE, de subversão com o propósito de ressaltar em suas publicações a Independência de Moçambique. Virgílio de Lemos é considerado um poeta ainda pouco estudado, leva em sua história a fama de ter abandonado sua pátria, ao deixar o país em 1963, para fugir da perseguição da PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado). Contudo, com a publicação de *Msaho* (1952), fica conhecido pela sua irreverência. Com a publicação deste periódico, é lançado um novo olhar sobre a literatura moçambicana, propondo, figurativamente, um voltar-se para a ilha e, simultaneamente, buscar sair do isolamento⁶.

Destaca-se em sua produção literária, escrita tanto em português, como em francês: *Poemas do tempo presente* (1960), na época a obra foi apreendida pela PIDE, *Objet à trouver: cycle de Noirmoutier* (1984), *L'obscene pensée d'Alice* (1989), *Ilha de Moçambique: a língua é o exílio do que sonhas* (1999), *Negra azul* (1999) e *Eroticus Mozambicanus* (1999), *Jogos de prazer: Virgílio de Lemos e heterônimos: Bruno dos*

⁶ Dados retirados da obra de Ilídio Rocha 2000.

Reis, Duarte Galvao e Lee-Li Yang (2009)⁷ e ainda muitos poemas esparsos sem publicação⁸.

Composta por uma escrita poética fragmentária, sintética, com imagens surrealistas, numa dimensão cósmica, Virgílio de Lemos, um dos vanguardistas da lírica moçambicana, não desprezou, no entanto, a crítica às injustiças sociais e a repressão colonial. Aborda, sobretudo, as temáticas sociais, da liberdade de desejos, das problemáticas existenciais e do erotismo. Segundo observa Secco (2006, p. 238), a lírica de Lemos, com versos curtos, incisivos, não se restringe à denúncia social, esta busca “[...] horizontes da liberdade, dando livre expressão aos desejos e às dúvidas existenciais”.

Nesse cenário, os periódicos foram os mais efetivos instrumentos para disseminação das ideias e ideais anticoloniais, dos quais José Craveirinha, Virgílio de Lemos e Rui Knopfli fazem parte de uma geração que,

[...] será a grande responsável pela construção da imagem da moçambicanidade, ao adotar estratégias deliberadas [...], na afirmação de uma identidade própria que se consuma na forma como se processa a recepção, adaptação, transformação, prolongamento e contestação de modelos e influências literárias (Secco, 2017, p. 17).

Os poetas que trazemos para discussão da “moçambicanidade” perpassam por cada uma dessas fases: a fase colonial, nacionalista e pós-colonial. Por esse limiar, veremos no decorrer desse artigo a produção poética, os elementos que essa poesia trata, que formam o pilar da literatura moçambicana ecoarão nas produções do pós-independência⁹.

Na fase colonial, uma parte significativa da produção literária tem sua temática centrada nas questões nacionalistas de Moçambique, contribuindo para a formação da identidade nacional moçambicana. A este propósito, Noa (2017, p. 15) aponta que *O Brado Africano* (1918) “defendia um nativismo quase militante”. Nesse cenário, temos José Craveirinha como precursor, expressando as necessidades de afirmação da cultura africana, conforme pontuam Macedo e Maquêa (2007).

Na década de 1940, segundo Noa (2017, p. 16), surge uma geração “responsável por uma literatura vincada, sistemática e conscientemente, se procura firmar como

⁷ Esta obra é uma coletânea com estudos críticos organizado por Ana Mafalda Leite.

⁸ Fonte: <https://ensina.rtp.pt/artigo/virgilio-de-lemos/> - acesso em 22/12/23 às 11h13min.

⁹ Sobre as produções a partir de 1980 veremos no capítulo 3 deste trabalho.

moçambicana”. Nesse contexto, *Itinerário* (1941), publicado em Lourenço Marques, trazia a poesia em um cenário de efervescência política e, contudo, marcada por elementos da natureza e da cultura.

Msaho marca a década de 1950, no que tange às produções poéticas. Esta revista literária, fundada por Virgílio de Lemos, traz à tona produções que vêm contribuir para uma proposta de vanguarda no sentido estético e ainda na produção poética de Moçambique, manifestando-se enquanto projeto de uma literatura própria.

Com a *Revista Caliban* (1971), já na década de 1970, temos o nome de Rui Knopfli. De acordo com Noa (2017, p. 18-19), “assistimos à afirmação de um exuberante compromisso estético, ao mesmo tempo que vemos afinarem-se os contornos de uma literatura que tem na diversidade temática e estética um dos seus principais esteios”.

Nesse caminho cronológico, a fase nacionalista (após a Independência em 1975) ganha corpo, voltada para uma literatura política e de combate, essa foi cultivada por escritores que militavam à frente da FRELIMO. Percebemos que na literatura produzida após o período de Independência, os autores assumem um tom individual e intimista com produções voltadas para suas próprias experiências na vivência no pós-colonial, como é o caso das produções apresentadas em *Charrua*, na década de 1980.

Conclusão

Nessa conjuntura, José Craveirinha, Virgílio de Lemos e Rui Knopfli, formam o pilar de uma poética que defende a cultura e os valores moçambicanos, inseridos em ambas as fases determinadas pelo processo político e histórico de Moçambique. Esses definem os ideais motivadores dos intelectuais da época, pois, conforme considera Ferreira (1977), produzem uma poética “da voz real de Moçambique” (Ferreira, 1977, p. 79), ou seja, marcadamente moçambicana. Com efeito, a consciência do fazer literário, representada pelos autores dessa tríade, contribuiu para o elevar da literatura da “moçambicanidade” com uma poesia que abarca todas as fases no processo de consolidação da poesia moçambicana, a partir da publicação do periódico *O Africano* (1908) até a publicação de *Charrua* (1980).

Referências:

CRAVEIRINHA, José. *Antologia poética: José Craveirinha*. Org. Ana Mafalda Leite. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

CRAVEIRINHA, José. *Obra poética*. Direção de Cultura da UEM. Maputo, Setembro de 2002.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Literaturas africanas de língua portuguesa: projetos literários e expressões e nacionalidade*. In: *Literaturas africanas de língua portuguesa: percursos da memória e outros trânsitos*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, p. 17-52, 2008.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. *Literaturas africanas de língua portuguesa: percursos da memória e outros trânsitos*. Belo Horizonte: Veredas & Cenários, 2008.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. MOREIRA, Terezinha Taborda. *Panorama das literaturas africanas de língua portuguesa*. Cad. Cespuc de Pesq., Belo Horizonte, nº16, p. 13-69, setembro de 2007.

KNOPFLI, Rui. *Breve relance sobre a actividade literária*. Facho, nº 30, (Lourenço Marques): Ed. Sonap, Set/Out, 1974.

LEITE, Ana Mafalda. *Poesia moçambicana, ecletismo de tendências*. In: *Poesia sempre*, Rio de Janeiro, Biblioteca Nacional, n. 23, ano 13, p. 139-142, 2006.

LEITE, Ana Mafalda; PINHEIRO, Vanessa Riambau. *O papel de Rui Knopfli na revista Caliban e no sistema literário moçambicano*. Revista Ecos vol.29, Ano 17, nº 02, 2020.

LEITE, Ana Mafalda. *Poéticas Fundacionais da Poesia Moçambicana*. In: *Dos percursos pelas Áfricas: a literatura de Moçambique*. João Pessoa: Editora UFPB, 2020.

LE MOS, Virgílio de. *Eroticus moçambicanus: breve antologia da poesia escrita em Moçambique (1944/1963) / Virgílio de Lemos & heterônimos*. Carmen Lúcia Tindó Secco (organização e apresentação). Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Faculdade de Letras, UFRJ, 1999.

LE MOS, Virgílio. *A invenção das ilhas*. Organização e posfácio de António Cabrita. Maputo: Escola Portuguesa de Moçambique, 2009.

MACEDO, Tânia. MAQUÊA, Vera. *Literaturas de Língua Portuguesa: marcos e marcas – Moçambique*. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.

LE MOS, Virgílio de; AZEVEDO, Domingos de; FERREIRA, Reinaldo. *Msaho – folha de poesia em fascículos*. Lourenço Marques: Empresa Moderna, 1952.

LE MOS, Virgílio. *A invenção das ilhas*. Organização e posfácio de António Cabrita. Maputo: Escola Portuguesa de Moçambique, 2009.

NGOMANE, Nataniel. *José Craveirinha: nota biobibliográfica*. Via Atlântica, São Paulo, n. 5, 14-18, 2002.

NOA, Francisco. *Literatura Moçambicana: os trilhos e as margens*. In: *Moçambique: das palavras escritas*. Orgs. Margarida Calafate Ribeiro e Maria Paula Meneses. Coleção: Textos/63. Porto, julho de 2008.

NOA, Francisco. *A escrita infinita*. Maputo: Livraria Universitária Eduardo Mondlane, 1998.

NOA, Francisco. *Da literatura e da imprensa em Moçambique*. In RIBEIRO, F. & SOPA, A. (Coord) *140 anos de imprensa em Moçambique: estudos e relatos*. Maputo: AMOLP, 1996, p. 237-241.

NOA, Francisco. *Império, mito e miopia: Moçambique como invenção literária*. Lisboa, AS, Editorial Caminho, 2002.

NOA, Francisco. *José Craveirinha: para além da utopia*. Via Atlântica, São Paulo, n. 5, 68-76, 2002.

NOA, Francisco. *Literatura Moçambicana: Memória e Conflito*. Maputo, Imprensa Universitária, UEM, 1997.

NOA, Francisco. *Uns e outros na literatura moçambicana: ensaios*. São Paulo: Editora Kapulana, 2017.

ROCHA, Ilídio. *A Imprensa de Moçambique*. História e Catálogo (1854-1975). Lisboa: Edição Livros do Brasil, 2000.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. *A magia das letras africanas: Angola e Moçambique: ensaios*. 1. ed. São Paulo: Kapulana, 2021.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. *Antologia do mar na poesia africana de língua portuguesa do século XX*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ, 1999.

SECCO, Carmen Lúcia Tindó. *As Índicas Águas da (na) Poesia Moçambicana*. Diadorim - Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, número especial, 2017.

Recebido em; 19/12/2024

Aceito em: 30/05/2025